

## **COMBATENDO A NORMOSE: A linguagem da palhaçaria como artifício pedagógico**

**José Eduardo Ribeiro Tosato<sup>1</sup>**

ICHCA - UFAL

joseeduardotosato@gmail.com

**Larissa da Silva Barbante<sup>2</sup>**

ICHCA - UFAL

larissa.barbante@fale.ufal.br

**Waneska Regina Souza da Silva<sup>3</sup>**

ICHCA - UFAL

waneska.silva@ichca.ufal.br

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho busca discutir a importância da linguagem da palhaçaria como um artifício pedagógico para o desenvolvimento corporal, artístico, educativo e social em crianças e adolescentes. A presença da arte da palhaçaria (ou palhaçada) é uma ferramenta que oferece caminhos para desenvolver as habilidades de comunicação com o outro, consciência corporal, percepção pessoal e coletiva, a imaginação, confiança e a criatividade.

Diante do ensino tradicionalista e convencional presente no nosso sistema educacional, onde não há disciplinas fixas na área artística que trabalhem o corpo dos estudantes, é possível perceber um bloqueio expressivo, principalmente em adolescentes, quando são submetidos a situações onde o ridículo se manifesta. Tais cenários vêm se tornando cada vez mais comuns, tendo em vista a não exploração do corpo físico e mental, além de estarmos cada vez mais inseridos no mundo tecnológico, onde não há momento ou oportunidade para a pausa.

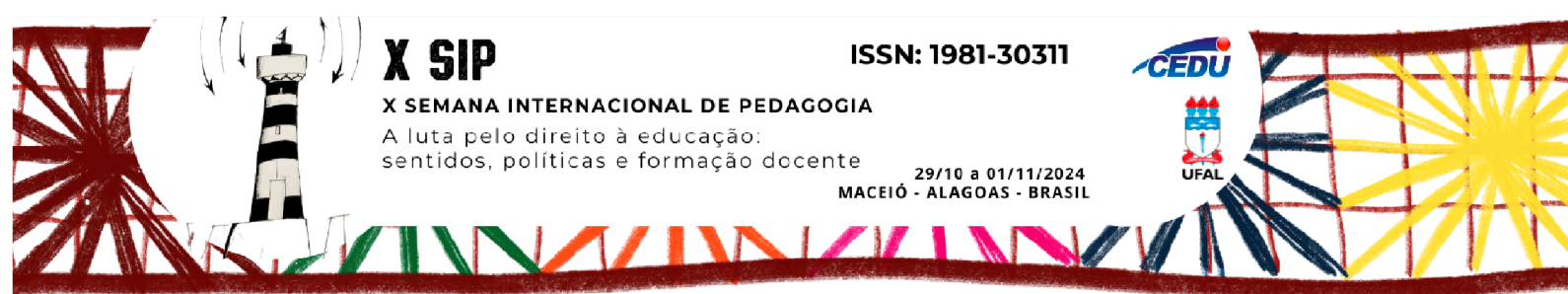
Compreendemos, quanto arte-educadores, a importância de parar para sentir, experimentar e se descobrir através do ridículo. Este, sendo entendido como uma possibilidade de exposição daquilo que tentamos esconder diante dos padrões

---

<sup>1</sup> Licenciado em Geografia e graduando em Teatro pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

<sup>2</sup> Licenciada em Letras - Inglês e graduanda em Teatro pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

<sup>3</sup> Graduanda em Teatro pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL)



sociais, a exploração do medo de 'errar' e, principalmente, uma forma de combate à normose. O exercício do ridículo possui uma grande força na arte da palhaçada/palhaçaria, pois é através disso que se começa a enxergar o mundo com outra perspectiva. Diante do que foi exposto, partimos para os objetivos do presente trabalho.

## **2 OBJETIVOS**

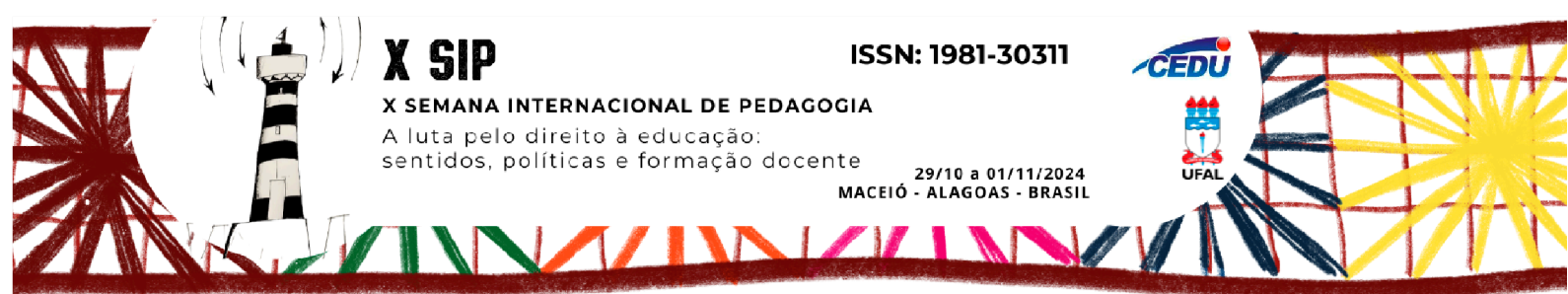
Buscamos, em nossa pesquisa, discutir o exercício do ridículo provocado através do estado de palhaço (também referido como *clown*) como potencialidade criativa e incentivar o uso da palhaçaria como artifício educativo e de sociabilização, aprimorando suas habilidades imaginativas e expressivas, proporcionando novos caminhos para exercitar a liberdade de ser e, também, de resolver problemas através de atividades lúdicas.

## **3 METODOLOGIA**

A metodologia de nossa pesquisa é de cunho bibliográfico, juntamente com relatos de experiências obtidas por nós, pesquisadores, em contato com a palhaçada e com contextos de sala de aula. Diante disso, realizamos revisões de literatura a partir das leituras realizadas, assim como, debates coletivos sobre a docência na palhaçaria. Nosso referencial e suporte teórico é composto por: Somme e Camargo (2016), Barros (2015), Vygotsky (2009), e Puccetti (2006).

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Estar em contato com a palhaçada em sala de aula, onde você está na posição de experimentador (ou seja, aquele que está inserido numa experiência), proporciona, ainda que momentaneamente, uma possibilidade de se libertar das amarras sociais e atingir o estado de palhaço, externalizando o seu próprio ridículo, sendo esse um



o fio condutor para o exercício criativo. Além disso, de acordo com Puccetti, o estado de palhaço seria:

“[...] o despir-se de seus próprios estereótipos na maneira como o ator age e reage às coisas que acontecem a ele, buscando uma vulnerabilidade que revela a pessoa do ator livre de suas armaduras. É a redescoberta do prazer de fazer as coisas, do prazer de brincar, do prazer de se permitir, do prazer de simplesmente ser. É um estado de afetividade, no sentido de “ser afetado”, tocado, vulnerável ao momento e às diferentes situações. É se permitir, enquanto ator e clown, surpreender-se a si próprio, não ter nada premeditado, mesmo se estiver trabalhando com uma partitura já codificada. (Puccetti, 2006, p. 138).

Partindo dessa ideia, quando o experimentador atinge o estado de palhaço e expõe o seu ridículo (o que não é uma ação cotidiana), ele está não somente se afetando, mas também afetando o ambiente ao seu redor. Pois a todo momento que o palhaço se expõe, o público reage de acordo com aquilo que reflete dentro de si mesmo. Além do mais, ao fazer isso, as ações que não são premeditadas tornam-se aliadas do experimentador, pois tudo que é feito a partir do ridículo vem de sua mais pura natureza de ser.

Essa conexão entre o experimentador e o público, que seriam os outros experimentadores na sala de aula, promove a sociabilização entre eles a partir do exercício de poder ver a si mesmo no outro, naquilo que o torna vulnerável e muitas vezes é comum aos demais. Além disso, as atividades, que são propostas em grupos ou em duplas, fazem com que os experimentadores desenvolvam o respeito pelas iniciativas dos seus colegas, entrando no jogo a fim de contribuir com uma ideia que não necessariamente partiu de si.

Podendo, assim, exprimir o seu contentamento quando sentem que o jogo teve êxito ou até mesmo lidando com a frustração quando algo ali não tenha funcionado, tal como o palhaço que, por muitas vezes, fracassa e exprime esse sentimento, ganhando o público a partir do momento em que compartilha suas emoções. Seguindo essa linha de raciocínio, onde o coletivo e o imaginário se entrelaçam para a autodescoberta através das experiências, Vygotsky discorre que

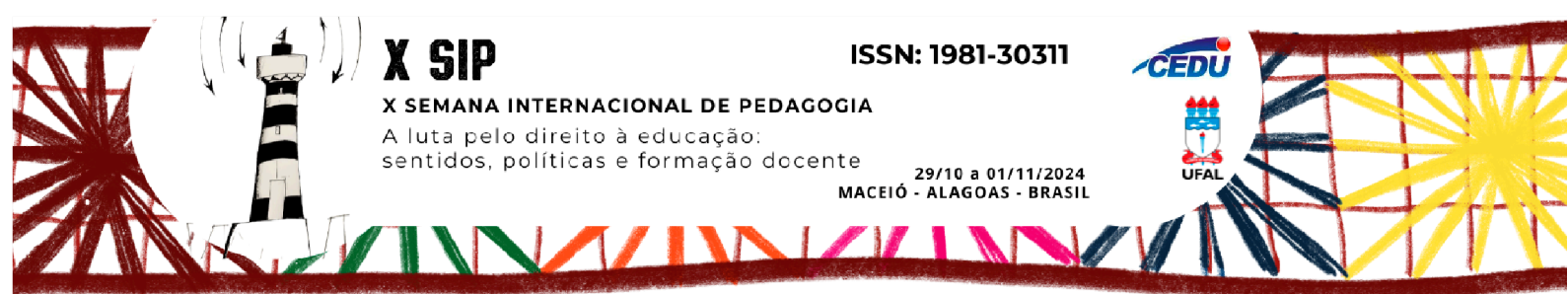
Nas oficinas do circo o objetivo é oferecer experiências que impulsionem o desenvolvimento no encontro com a descoberta das potencialidades. No jogo do faz de conta, a linguagem é sustentada pelas criações no plano imaginário, atuando como agente para movimentar o pensamento e possibilitando novos meios para explicar o mundo. Por meio dos brinquedos e das brincadeiras ocorre a criação da situação imaginária, oportunizando novas experiências de forma lúdica. (Vygotsky, 1982).

Ou seja, nossas experiências em sala de aula com oficinas ou minicursos de palhaçaria/palhaçada, decorrem de maneira que os alunos experimentadores sejam colocados, na maioria das vezes, diante de situações comuns, entretanto, são instigados a buscarem dentro de si um olhar de ineditismo a aquilo que está sendo proposto, como o olhar puro de uma criança que ainda não internalizou o significado de tudo aquilo que a sociedade nos impõe e, com isto, são estimulados a recriarem essas situações a partir do plano imaginário, com liberdade para ‘ser’ e experimentar, ainda que influenciados pela bagagem da sua existência.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Trabalhar a palhaçaria em sala de aula contribui de diversas maneiras para o desenvolvimento pessoal, pois ser palhaço nos faz lembrar de quem somos, mesmo diante de toda a normose imposta pela sociedade. É uma reflexão acerca da vida, uma oportunidade de reinvenção que é demasiadamente importante para o ser humano, principalmente, na adolescência. Uma fase de desenvolvimento onde estamos naturalmente perdidos.

Manoel de Barros em uma ‘didática para a invenção’, no Livro das Ignorâncias, discorre, em seus textos, a respeito de entender as intimidades do mundo, falando sobre “desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.” (2016, p. 15). Ou seja, o ridículo e o estado do palhaço partem, principalmente, da desinvenção. É necessário que o experimentador reorganize sua perspectiva diante de tudo aquilo que conhece, atribuindo novas significações para o já conhecido,



como, por exemplo, o pente, dando novas funções para aquele objetivo. Desautomatizando nossa visão pessoal e reinventando o mundo de acordo com suas experiências, deixando de lado os trâmites sociais impostos pela normose. Através dos jogos, da exploração corporal, interação social e entre outros aspectos trabalhados na palhaçaria/palhaçada, os estudantes poderiam atingir um estado que Tim Maia (1983) descreve em uma de suas composições dizendo “quero ficar bem à vontade, na verdade, eu sou assim”. Afinal, o palhaço é como o verbo ser e estar, um exercício de liberdade e, de acordo com Somme e Camargo (2016), “São novas formas atribuídas à capacidade de existir, um movimento interno que atua de modo permanente e constitui bases da educação para a vida em todas as dimensões.” (p. 176). Ou seja, é um exercício de liberdade diante do âmbito da educação.

Segundo Reis,

“Talvez ainda não tenha sido percebida a assombrosa força criativa inscrita no princípio do ridículo. Ainda não foi dada a devida atenção, em termos teóricos, ao grau de influência que o componente do ridículo tem na operação cômica. É precisamente nesse ângulo de visão onde se desdobram diversas facetas da comédia do palhaço.” (2010, p. 58)

Sendo assim, essa força criativa, descrita por Reis, impulsiona a potencialidade criativa dos estudantes experimentadores, além de resultar em uma confiança que será imprescindível diante dos conflitos da vida. Pois aqueles que atingiram o estado do palhaço e colocaram o seu ridículo para jogo, estarão preparados para combater a normose e tudo aquilo que é imposto socialmente, experimentando suas próprias possibilidades e trilhando seus caminhos individuais, não somente através da improvisação, como também de uma perspectiva única.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**: Antologia. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; BARRAGAN, Teresa Otañón; SILVA, Ermínia (Orgs.). **Circo**: Horizontes educativos. 1. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MAIA, Tim. **O descobridor dos sete mares**. Disponível em: <<https://music.youtube.com/watch?v=PAUICK8kuGU&si=uOnFi6Jv3Nowtx0g>>.

Acesso em: 22 set. 2024.

PUCETTI, Ricardo. O riso em três tempos. IN: FERRACINI, Renato. (org.) **Corpos em fuga, corpos em arte**. São Paulo: Fabesp, 2006.

REIS, Demian Moreira. **CAÇADORES DE RISO**: o mundo maravilhoso da palhaçaria. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Universidade Federal da Bahia, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br>>. Acesso em ago. 2024.

SOMME, Maria Isabel; CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **A arte como fomentadora do desenvolvimento humano**: um estudo com adolescentes em Mogi Mirim/SP. In: CIRCO: horizontes educativos. - Campinas, SP: Autores Associados, 2016. p. 169-187.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.